

O agente da KGB e o engenheiro

Durante os anos 70, Salvatore, que tinha conhecido São Josemaria há pouco tempo, viveu uma aventura digna de um romance, entre reuniões de cientistas e a KGB.

27/10/2020

Em plena Guerra Fria, no interior de um palácio em Viena, encontram-se duas delegações de cientistas: uma americana e outra soviética. À sua volta, diplomatas, espiões e agentes encarregados de promover os

interesses das respectivas fações políticas completam o cenário de uma reunião da Agência Internacional da ONU para a Energia Atômica (AIEA, fundada em 1957).

Durante um intervalo dos trabalhos, um agente russo aproxima-se de um jovem engenheiro e chama-lhe “Zalvatore”. Como é que o agente russo sabia o nome do engenheiro italiano, acabado de chegar e praticamente desconhecido? É preciso recuar alguns anos...

A amizade com São Josemaria

Salvatore, nascido em 1941, foi professor titular de Hidráulica Subterrânea na Faculdade de Engenharia da Universidade da Calábria. Antes de ser professor, trabalhava num laboratório de investigação do CNEM (Comitê Nacional para a Energia Nuclear) que, em 1982 passou a ser o ENEAS

(Energia Nuclear e Energias Alternativas).

Supernumerário do Opus Dei desde 1967, em 1970 casou com Franca e, dois dias depois, o casal teve a possibilidade de ser recebido por São Josemaria. Passados dois anos, voltaram a ter oportunidade de estar com ele e Salvatore ficou impressionado com a atitude do Fundador do Opus Dei: “Parecia dizer: onde ficamos?”

Nessa ocasião, a mulher de Salvatore perguntou a São Josemaria como era possível rezar quando as crianças choram e gritam. São Josemaria respondeu que os gritos do choro das crianças são, para o Senhor, como música que sai dos tubos do órgão de uma catedral para O louvar.

Salvatore aproveitou a presença de São Josemaria para lhe pedir um conselho sobre como fazer apostolado no ambiente de pesquisa

universitária que era, naqueles anos, muito ideológico e avesso à cultura cristã. O Fundador do Opus Dei sugeriu-lhe não fazer o papel de “padre pregador” mas testemunhar a sua própria alegria de filho de Deus.

Quando São Josemaria recebeu uma carta de Salvatore, dando-lhe a notícia da morte da sua primeira filha e de como tinha oferecido essa dor por aquela que então no Opus Dei se chamava a “intenção especial” (ou seja; conseguir-se a adequada configuração jurídica do Opus Dei), o Fundador respondeu-lhe de imediato e pessoalmente.

A amizade com um colaborador da KGB

Um dia, apresenta-se no escritório de Salvatore um pesquisador russo, muito bom profissionalmente, mas que, com a desculpa do intercâmbio científico, segundo Salvatore, teria o encargo de criar naquela cidade uma

célula soviética. Conversando, conta Salvatore, “compreendi, de fato, que o seu primeiro objetivo era que todos os investigadores do nosso laboratório se tornassem militantes da CGIL*. Mas eu não estava entre esses”.

Todas as manhãs, durante cerca de um mês, o pesquisador russo apresentava-se no laboratório acompanhado por uma pessoa que não mostrava nenhum interesse pelas discussões científicas, ficando à parte ou lendo o jornal. Era um funcionário do partido comunista soviético, provavelmente encarregado de vigiar o investigador para que não tentasse pedir asilo político.

Salvatore não desanimou e um dia conseguiu convidar os dois para almoçar e, como o próprio recorda, “graças a Deus, consegui falar com

aqueles dois de alguns temas de vida cristã”.

O investigador russo, que Salvatore pensava ser um colaborador da KGB, todos os dias o entretinha com discursos filosóficos muito próximos do marxismo. Decidido a fazê-lo definir-se, depois de um tempo de estudo, Salvatore lança a discussão partindo de um argumento que tinha sido aprofundado na revista *Studi Cattolici*: “Dei-me conta de que a minha suspeita era fundada – explica Salvatore – quando o pesquisador russo me perguntou se tinha lido sobre aquele tema em *Studi Cattolici*. Respondi-lhe que sim, mas perguntei-lhe também como conhecia a revista. Ele deu uma resposta vaga, afirmando que a tinha visto exposta numa livraria da cidade. Mas no início dos anos 70, em Bari, provavelmente eu era o único assinante da *Studi Cattolici*, revista que nem sequer era distribuída em

nenhuma livraria da cidade, pois só se podia receber por assinatura”.

Contudo, Salvatore e o pesquisador ficaram bons amigos, apesar de que um tempo depois, ele e o seu vigilante desapareceram. Mais tarde, Salvatore foi representante italiano da AIEA numa comissão de estudo sobre os efeitos do desastre de Chernobyl em águas subterrâneas. E é então que a nossa história volta ao palácio vienense, lugar de uma reunião entre cientistas russos, americanos e dos principais países europeus.

Foi a primeira vez que Salvatore esteve numa reunião da AIEA. Ele não conhecia, nem de forma alguma poderia conhecer, qualquer dos participantes da reunião. Por esse motivo, quando ouviu um dos russos chama-lo pelo seu nome, o jovem engenheiro italiano assustou-se: “Pela maneira como me olhou e pelo

fato de ter me chamado pelo nome, ficou imediatamente claro que sabia perfeitamente quem eu era. Olhou para mim atentamente com os seus olhos de um azul gelo: acho que estava avaliando se ainda havia oportunidade de eu me passar para o seu lado. Não foi preciso mais nada; passados alguns segundos, estendeu-me a mão, como se quisesse elogiar a firmeza da minha recusa. Cumprimentamo-nos, não dissemos nada e nunca mais nos vimos”.

*N.T.: **CGIL** é a sigla de
Confederazione Generale Italiana del
Lavoro

dev.opusdei.org/pt-br/article/o-agente-da-kgb-e-o-engenheiro/ (14/08/2025)